

QUEM DANÇA, OS MALES ESPANTA A DANÇA COMO ENCONTRO E RESISTÊNCIA

Lúcia Pedrosa-Pádua¹

Resumo

Este artigo fala da dança como lugar de experiência da alteridade e de resistência. Vemos hoje como precisamos pensar e atuar segundo múltiplas racionalidades. O espaço estético apresenta-se como particular lugar de encontro com o mistério de Deus e talvez necessite ser mais frequentado. A reflexão deseja convidar o leitor e leitora a adentrar em alguns aspectos deste espaço, especificamente na fascinante arte da dança, que nos une como humanidade.

Palavras-chave

divino bailarino - dança e experiência - dimensão corpórea e espacial - dança e resistência - religiões dançadas.

Introdução

Este artigo fala da dança como lugar de experiência da alteridade e de resistência.² Vemos hoje como precisamos pensar e atuar segundo múltiplas racionalidades. O espaço estético apresenta-se como particular lugar de encontro com o mistério de Deus e talvez necessite ser mais frequentado. A reflexão deseja convidar o leitor e leitora a adentrar em alguns aspectos deste espaço, especificamente na fascinante arte da dança, que nos une como humanidade.

Seguiremos como esquema os seguintes tópicos:

1. O divino bailarino
2. A dança como experiência fascinante
3. A dança como recuperação da dimensão corpórea e espacial das nossas vidas
4. A dança é também resistência
5. As religiões são dançadas

Desejamos que a conaturalidade com o objeto de estudo – afinal todos dançam! – abra os ouvidos e o coração à possibilidade do encontro com os irmãos e irmãs, em fraternidade universal, através do ato ao mesmo tempo corpóreo e espiritual de dançar. E que a dança nos

¹ Dra. em Teologia sistemático-pastoral pela PUC-Rio (Brasil), onde é pesquisadora e professora. Atua nas áreas de Antropologia Teológica, Mariologia e Espiritualidade. Prêmio Internacional: Teresa de Jesus y el diálogo interreligioso (CITeS-Centro Internacional Teresiano-Sanjuanista, Espanha). Organizadora, com Gerson L. Pereira, da obra *Mística, corpo e arte. E Deus se fez sensibilidade* (Paulus, 2022).

² O tema da arte, em suas múltiplas expressões, foi trabalhado em PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; PEREIRA, Gerson L. (orgs). *Mística, corpo e arte. E Deus se fez sensibilidade*. São Paulo: Paulus, 2022. Particularmente, trabalhei o capítulo sobre a dança, intitulado *Graça, mística e dança*, onde o/a leitor/a pode se aprofundar nos sentidos teológicos dessa arte.

coloque em sintonia com os movimentos de amor e gratuidade, criatividade e liberdade, misericórdia e justiça de Deus.³

1. O divino bailarino

O texto bíblico de São João nos sugere que Deus é movimento, o que é próprio do verbo: “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). Deus não é primeiramente um substantivo. Primeiro, encontramos a ação que nos leva a não estancar, a manter o dinamismo e a mudança. A Palavra é criadora e recriadora “daquilo que se desloca pela trama do espaço”. (Katz, 2005:8)

Faz parte do movimento de Deus desejar entrar radicalmente na humanidade, na história e no destino do cosmos, criando e fazendo-se um de nós. O Evangelho de João, no texto já mencionado – no princípio é o Verbo – continua afirmando que “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós”. Tornou-se Verbo encarnado, a tal ponto de que “*nós vimos a sua glória, (...), cheio de graça e de verdade*” (Jo 1,14), Jesus Cristo.

Na criação e encarnação salvadora, conhecemos a lógica de encarnação da *graça* de Deus, que traz ao mundo um excesso benfazejo e consolador, que tudo move a partir de dentro. Deus não é apreendido a partir de fora de nós. Ao contrário, é em nós, nas realidades humanas, históricas e cósmicas que apreendemos o excesso divino: cujo movimento é amor, misericórdia, flexibilidade, gratuidade, criatividade, liberdade, imaginação. Deus é dinamismo criador e recriador. É *graça* encantadora, é excesso que, em nós, inaugura uma nova existência. Nas palavras do teólogo uruguaio Juan Luis Segundo, Deus “confere o caráter do gratuito e do gracioso, encantador à existência profunda do homem”. (Segundo, 1977:13)

Para viver neste dinamismo, o ser humano possui o que procede da própria vida de Deus – o Espírito. Espírito que é como grande vento divino que sopra em nós, conduzindo-nos a um novo nascimento, como nos evoca o diálogo de Jesus com Nicodemos (Jo 3,3.8). Para isto, o Espírito de Deus abre caminhos de transformação para viver, de fato, algo da liberdade e da gratuidade divinas, vividas, como Jesus, no coração das realidades que matam, escravizam e esmagam, para transformá-las.

Seria Deus um divino bailarino? (Pedrosa-Pádua, 2022: 37) Em instigante expressão, Nietzsche afirmou que “só poderia crer num Deus que soubesse dançar”⁴. De fato, onde Ele está, estão o movimento, a relação, o encantamento e a gratuidade que fazem o mundo melhor e mais belo. São características próprias da dança! Mais do que isso, podemos dizer que há uma “dança entre Deus e o mundo”⁵, pois o divino bailarino, na criação e encarnação, convida à contradança e dela participa. Por isso, a dança humana pode fazer transparecer algo da graça divina. Pela privilegiada experiência de dançar é possível expressar o dinamismo do Espírito e apreender

³ O tema foi tratado numa Conferência da XIV Semana da Cultura Religiosa da PUC-Rio, em 2023, cujo tema central foi “Liberdade: caminhos de encontros e desencontros”.

⁴ NIETZSCHE, Assim falava Zaratustra, p.31.

⁵ NIETZSCHE, A gaia ciência, p.221.

algo do encanto e da misericórdia de Deus. Ainda mais, é possível apreender a própria presença misteriosa e “excessiva” do Deus que se revela doando-se e comunicando-se, para transfigurar toda realidade. Sim, a dança pode ser um caminho de vivência da gratuidade, da comunhão e do encantamento divinos e, ao mesmo tempo, um itinerário de consciência das dominações e violências a que a humanidade é submetida e de abertura de caminhos de liberdade, expressão criativa, respiração, oxigenação, graça e glória.

2. A dança como experiência fascinante

A dança é uma experiência estética fascinante que, em si, evoca e provoca uma vivência intensa de enraizamento no mundo corpóreo e, ao mesmo tempo, de êxtase. De equilíbrio e de risco, de corpo e espírito. Faz ver a riqueza de ser humano.

Nesta movimentação, há uma solidariedade-continuidade com os movimentos do mundo, do universo, do mundo animal, das sociedades, do cotidiano, de nós mesmos. Neste sentido, vale a pena escutar Getúlio Krwakrai, do grupo *Krahô*, para quem “a terra e o maracá respiram juntos. Por isso nossas festas-rituais precisam estar em constante movimento. [...] Quando cantamos ajudamos a manter a respiração e a vitalidade da Terra” (Aldé, 2013). E continua, referindo ao seu local natal, o cerrado brasileiro: “O cerrado tem seu ritmo que pulsa junto ao maracá, curando, alimentando e protegendo todos os seres do universo” (Aldé, 2013). Depoimento significativo que mostra a relação particular dos grupos indígenas com os movimentos de seus corpos e do mundo cósmico. Algo perdido por muitos na cultura ocidental, mas que nos lembra nossos vínculos primeiros com o nosso planeta.

A dança amplia a graciosidade dos movimentos comuns que podemos encontrar no mundo animal e vegetal, crianças e adultos, movimentos sociais e encontros afetivamente ricos. O acréscimo da cadência sonora e do ritmo vigoroso cria um excesso de energia aos que a praticam e aos que a assistem, e esta força extra é como uma sensação de êxtase. A dança traz alegria e uma capacidade como que de extrair o melhor das pessoas, que voam como se fosse mágica, para além da consciência e da intencionalidade. Acertar um compasso ou executar uma série de ritmo complexo são experiências que demonstram esta excitação. Os movimentos da dança são muitas vezes antigravitacionais: se por um lado seguem as leis da gravidade, por outro são constantemente puxados para cima, suspensos. Na dança, vemos uma sequência de passos em que, a cada passo, se perde e se recupera o equilíbrio. (Gumbrecht, 2012: 108-110)

As caracterizações da dança mostram uma experiência policrômica. Não se pode identificar a dança apenas com a estrutura do ritmo, ou da forma coreográfica que rege os movimentos dos dançarinos. Isto significaria ignorar o sentimento de êxtase e o ganho energético. Sentimentos de êxtase e de elevação não podem ser alcançados por meio de puro entendimento.

Na dança, ocorre um jogo de contrários, expressam-se desejos que vão do mais entranhável da terra, forte experiência corporal, concentração no corpo e no espaço, ao mais expansivo das possibilidades humanas, de êxtase e de elevação.

O filósofo Roger Garaudy observou como a dança reflete as preocupações humanas, os tempos históricos, a vida e seu desejo de redenção. (Garaudy, 1980: 36) As sapatilhas de ponta, por exemplo, evocam a suspensão desejada. Simbolizam uma transgressão das possibilidades humanas, a antigravidade, a transcendência do espaço físico, do terrenal. Um elevar-se (ou evadir-se) da história. O bailarino é transmutado em cisne, em alma, em brinquedo, em animal. Haveria também uma mescla dos desejos interiores com uma ideologia – burguesa ou romântica – de fugir do mundo, viver acima das determinações e possibilidades de construções históricas.

Ao repertório de danças clássicas como *Lago dos Cisnes*, encontramos também a história do escravo libertador, o balé *Spartacus*, desenvolvido pelo Bolshoi. Ali, força, determinação, união de esforços e autossuperação são manifestadas em coreografia bem diversa do que se esperava de um ballet clássico.

Igualmente, Garaudy observou como, com a perplexidade do mundo entre e pós-guerras, surgem em alguns países formas baléticas expressivas e originais, antes desconhecidas. Contrações, ondulações, movimentos bruscos, relaxamentos, novas posições e relação com a terra são algumas das características das coreografias modernas. É significativo que as contrações – à altura do peito, do estômago, do sexo e dos intestinos – surjam como possibilidade de expressão da dor de existir e de buscar. Como mal-estar que deseja expressar-se publicamente, e publicamente ser redimido. (Garaudy, 1980:102-103)

A vida é dançada em cada tempo histórico e em cada espaço geográfico. A dança é espaço estético comum à humanidade, lugar de expressão, comunicação e desvelamento da própria pessoa a si mesma, em sua corporalidade e afetividade, de forma intensa e fugaz. Na experiência da intensidade da dança, o ser profundo se revela fugazmente, ele “pisca”: “no piscar do Ser revela-se para Heidegger aquilo que ele chama de graciosidade: um mostrar-se e retraindo-se do próprio Ser”. (Gumbrecht, 1980:121) E, deste desvelamento, fazem parte outros elementos, o grupo dançante e o público.

3. A dança como recuperação da dimensão corpórea e espacial das nossas vidas

As experiências estéticas vividas são, por definição, inseparáveis do nível corporal, físico e sensível. O vocábulo mesmo já nos diz: *aesthesia* – sensação, percepção. Nelas, experienciamos certas *sensações de intensidade* que não encontramos nos mundos histórico e cultural específicos do cotidiano em que vivemos. E isto é algo fascinante na experiência estética, mesmo sem vir acompanhada de uma consciência clara dos motivos desta atração: ela oferece sempre algo que nossos mundos cotidianos com dificuldade conseguem disponibilizar.

Poderíamos nos perguntar sobre o que seria este “algo” que o cotidiano comum dificilmente oferece. Não seria uma sensação de presença física e tangível, que contrasta com a cultura excessivamente centrada na consciência, no pensamento, na busca do sentido?

O humanista alemão H. U. Gumbrecht tem se dedicado a refletir sobre a importância contemporânea do efeito da presença, ou seja, das coisas do mundo “perto de nossa pele” (Gumbrecht, 1980:135). Para ele, uma *cultura de presença* convive inseparavelmente com a *cultura de sentido*. Na cultura de sentido, as pessoas se veem, sobretudo, como consciência diante do mundo das coisas, sujeitos que atribuem às coisas significados e que buscam transformar o mundo. Assim sendo, a dimensão dominante em que vivem é o tempo. Na cultura de presença, as pessoas se veem como corpo e consciência, como espírito e alma, como presença que tem lugar no mundo das coisas – a dimensão dominante é o espaço, onde as coisas se inscrevem. Ambas lógicas convivem. A presença física das coisas – um texto, uma voz, um quadro colorido, um drama interpretado por um grupo de teatro, uma dança – não reprime a dimensão de sentido.

Entre sentido e presença há uma relação não de complementaridade, mas de tensão e oscilação de um a outro. Isto dotaria a experiência estética de um componente provocador de instabilidade, de desassossego. Ela é instigante. Mexe com os sentidos. Coloca o sujeito que a realiza presente a si mesmo – é ele que realiza a experiência – e presente a algo ou alguém que se lhe apresenta na experiência. Podemos concordar com Gumbrecht que o desejo de presença é uma reação a um mundo cotidiano amplamente cartesiano que, pelo menos às vezes, queremos ultrapassar. (Gumbrecht, 1980:137-140) Ninguém poderia negar que a dança é permeada por forte sentido de presença.

A sensação de intensidade proveniente da experiência estética possui um componente de epifania. Primeiro porque ela parece vir do nada. Segundo porque, para assim surgir, ela exige uma dimensão espacial: objetos, corpos que se movimentam e suscitam a epifania. Exige algo sólido, terrenal, indicações concretas. Estas formas tão concretas contrastam com as sensações sinestésicas e com os sentimentos polifônicos. Por fim, a sensação de intensidade é epifânica porque adquire características de evento: não sabemos se ou quando ocorrerá, não sabemos sua intensidade e, assim como surge, ela se desfaz. (Gumbrecht, 1980:140-142)

O fascínio da experiência estética está também no fato de ela nos ajudar a recuperar a dimensão espacial e a dimensão corpórea da nossa existência. Ela nos devolve a sensação de estar-no-mundo, de fazer parte de um mundo físico de coisas. Por ela, não perdemos a sensação da dimensão física de nossas vidas.

A dança é dotada de grande capacidade de provocar a sensação de intensidade. Nela, a dimensão de presença é predominante sobre a dimensão de sentido. Espaço, ritmo, corpo e alma, corpo e consciência – todos estão presentes, provocando a epifania de uma novidade inapreensível, porém intensa e que faz viver.

A dança adquire cada vez mais importância nos ambientes pós-modernos, em que a estética é virtualizada – anestesiada – pois ela é espaço privilegiado de corporeidade e presença. (Duque, 2016:301)

4. A dança é também resistência

A dança é experiência intensa que aprofunda a dimensão espacial, corpórea e performática da existência e, assim, apresenta-se assim como arte da resistência e da proposição, vivida nas religiões e nas diversas culturas.

Já mencionamos aqui a força dos maracás, presentes em expressões privilegiadas dos povos indígenas. Podemos acrescentar as festas populares andinas, o carnaval no Brasil e tantas outras iniciativas que afirmam a dança como espaço de afirmação e proposição.

Corpo, presença no mundo e geração de vínculos fazem coincidir a vivência de encantamento com um itinerário libertador sobre formas de opressão, violência e exclusão social, a formar uma nova realidade no ato mesmo de dançar. Pensemos num desfile da escola de samba, no Brasil, em que a sociedade como se inverte: trabalhadores marginalizados e mal remunerados no dia-a-dia se transmutam em personagens cheios de poder e beleza, revelando o outro lado da história humana e social negada no cotidiano. Reforçam o que poderia acontecer num mundo diferente, mais justo e igualitário.

Lembremos também como a população originária do Brasil, sobre a qual não há livro de história capaz de abarcar a totalidade das violências enfrentadas, reuniu-se no Acampamento Terra Livre (ATL) em 2023. Seis mil indígenas de norte a sul do país, em Brasília, manifestaram-se de diversas maneiras, mas especialmente ao som dos maracás, com rituais e cantos diversos, reivindicando a retomada do compromisso contra a tese do marco temporal. (Susui, 2023)

Além disso, o fenômeno dinâmico da dança supera dualismos postos em oposição na cultura ocidental, como corpo e mente, físico e espiritual, individual e coletivo, cultural e religioso, masculino e feminino, nós e eles. (Garcia Rubio, 2006: 348-350) Assim, apresenta um potencial integrador, motiva e realiza resistência contra práticas de dominação como a corpfobia, gordofobia, antropocentrismos, aporofobia, machismos e também contra alienação do corpo, da natureza, do coletivo e do cósmico.

Na dança, a resistência se une ao prazer e à alegria, à experiência espiritual, à comunidade, à criação de uma nova realidade, à cura individual e coletiva, à memória do passado e à antecipação do futuro. Assim, há um conhecimento original e originário que emerge na dança. Surgem intuições éticas e mesmo teológicas sobre as possibilidades de vida nova em nível político e ético, visões de justiça e vida mais conforme ao projeto de Deus.

5. As religiões são dançadas

A dança sempre foi uma forma expressiva nas religiões. Mais do que isso, a dança é inseparável das religiões, ela nasce em seu bojo. Só no período moderno a dança se separou do universo religioso, laicizou-se e até se profissionalizou.

Para os indígenas brasileiros, há uma ideia de transformação dos seres que habitam o mundo, assim seres humanos se transformam em animais, animais em seres humanos, espíritos em animais, animais em espíritos. (De Mori e Buarque, 2014: 191) As danças xamânicas ou dos pajés entram em diálogo com este mundo espiritual. (Kopenawa, 2015: 89-91) Além disso, a natureza, os ciclos da vida e da morte, da pesca e das colheitas, tudo é celebrado através de danças. (Novamerica, 2014:2)

Como não nos lembrarmos, nas religiões orientais, do hinduísmo? Shiva, representado como Shiva Nataraja, é o senhor dançante do universo. Sua dança, observa o teólogo Hans Kung, é expressão de suas cinco atividades: criação, conservação, destruição, encarnação e libertação. Ela simboliza o ciclo do universo, de destruição e criação, a cada momento e em um ritmo eterno. (Kung: 2004:73-74)

No caminho místico do islamismo, encontramos os sufis, que significa místicos, em árabe. Também foram chamados de dervixes, que significa pobres, em persa. Unem-se pela música, pela dança e pela invocação do nome de Deus. Para eles, a dança é um caminho místico, ritualizada em grupos fraternos. Os dervixes giram, de forma ritmada e intensa, em torno ao seu coração. Uma dança alucinante, chega ao transe. O movimento intensifica o sentimento de amor de Deus que a música despertara. Manifesta a comoção interior provocada por este amor. (Kung: 2004:272-273)

Por sua vez, o povo de Israel dançava em suas festas e cultos. (Baetam 2008:40-45) Em vários momentos, na Bíblia, encontramos a dança, por exemplo em 1 Sm 30,16; Jz 21,21-23; 2Sm 6,14.16; Sl 30,11; Jr 31,4; 1 Sm 18,6; 21,11; 29,5; Jz 11,34; Ex 15,21; Jó 21,11; Is 13,21; Ecl 3,4; 1Cr 15,29. A dança foi parte da celebração da vitória de Deus sobre o Egito (Ex 15,20). Celebravam a vitória de um combate ou o retorno de um herói (Js 11,34 e 1Sm 18,6). Ela é sinal de alegria (Jr 31,4). Guardou-se a memória do rei Davi protagonizando uma dança (2Sm 6,5-14; 2Sm 6,16). Os Salmos estimulam a louvar Deus com danças (Sl 149,3; 150,4). Os oráculos de Jeremias anunciam a dança como sinal messiânico (Jr 31,13) e o Eclesiastes afirma que há um tempo para dançar (Ecl 3,4).

As comunidades cristãs dançavam. Os Evangelhos se referem aos meninos que dançavam nas praças (Mt 11,17; Lc 7,32). A parábola do Pai misericordioso fala da festa com danças para celebrar a volta do filho (Lc 15,25). Há também uma dança sinistra, a de Salomé, que percebe e manipula para o mal o poder encantador da dança, mostrando a ambiguidade das ações humanas (Mt 14,6; Mc 6,22).

O cristianismo, em seu desenvolvimento histórico, não fortaleceu tanto a dimensão da dança em sua expressão religiosa litúrgica. Procissões sóbrias e gestos contidos marcam as

liturgias. Os conflitos enfrentados pelas comunidades primeiras podem ter inibido tal expressão. Especialmente, o dualismo assumido da cultura grega e estoica menospreza o corpo e valoriza a alma, valoriza a dimensão do sentido menosprezando a dimensão de presença.

Por sua vez, expressões populares cristãs se unem às outras celebrações festivas, que marcam a identidade dos povos. (Novamerica, 2023:2) Na América Latina temos o exemplo da dança dos concheros, no México, as inúmeras danças andinas na Bolívia, no Peru e Equador, e o carnaval, no Brasil. Este mostra, em muitas letras de música e expressões plásticas, o mundo religioso cristão apropriado pela cultura brasileira e sambado na avenida. Em inúmeras ocasiões, o povo celebra suas crenças e seus santos nos desfiles de suas escolas de samba. Já testemunhamos, por exemplo, todo o conjunto de ritmistas trajados como Santo Antônio, porta-bandeiras vestidas de Nossa Senhora Aparecida, imagens da padroeira do Brasil transformadas em alegres adereços nas mãos fortes que graciosamente fazem bailar a querida Mãe de Deus.

Sim, dança e religião estão unidas. A experiência mística pode ter na dança uma aliada para se expressar e, também, para extrair da experiência do dançar algo do mistério, da gratuidade e do amor de Deus. A dança é canal de expressão e de intensificação do desejo de encontro com Deus. Ela manifesta esta experiência que precisa ser expressa de alguma forma, e para a qual as palavras nem sempre se prestam a bom serviço.

Conclusões

A dança é uma arte de movimento, de encantamento, de gratuidade e de resistência. Ela traz em si características da graça divina. Deus se revela um divino bailarino que convida toda a criação a uma contradança em comunhão e responsabilidade.

Podemos nos perguntar como a gratuidade e o “excesso” deste nosso mundo podem ser apreendidos. Para responder a isto, penetremos em espaços dinâmicos que falam, abrem horizontes, remetem à alteridade. Observemos as possibilidades marcadas não apenas pelo racional, mas também pela vontade, pela emoção, pela invenção. Lugares em que é possível criar, inventar e mudar, como a dança.

O sentido das coisas não é predominantemente racional, embora não seja desprovido de razoabilidade. Não se trata de pensar o sentido, mas de apreendê-lo nos espaços em que é vivido. E a dança é um destes espaços. A lógica do sentido está unida à lógica da presença-lugar, em que o sentido é experimentado com o corpo que se une ao cosmos, aos outros, a si mesmo e, por que não, a Deus.

Questões para reflexão:

De que forma a dança pode ser entendida como resistência nas religiões e na sociedade contemporânea?

Qual o alcance atual da expressão “as religiões são dançadas”?

Referências bibliográficas

- ALDÉ, Verónica (Xaaprit). Documentário audiovisual **Sustentando o Cerrado na Respiração do Maracá**, 2013. Disponível in: <https://filmow.com/sustentando-o-cerrado-na-respiracao-do-maraca-conversas-com-os-mestres-kraho-t191239/> . Acesso em 20 jan 2024.
- BAETA, Kênia Alvarenga Cheib. **Crer, compreender, dançar**. Belo Horizonte: Prax, 2008.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1981.
- DE MORI, G.; BUARQUE, V. Corporeidade-encarnação: teologia em diálogo interdisciplinar. In: **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 46, n.129, p.187-214, mai/ago, 2014.
- DUQUE, J. M. **Para o diálogo com a pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 2016.
- GARCIA RUBIO, A. **Unidade na pluralidade**. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GESCHÉ, A. **O sentido**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto / PUC-Rio, 2010.
- GUMBRECHT, H. U. Graciosidade e jogo: porque não é preciso entender a dança. In: VILLAS BÔAS, L. (org.) **Graciosidade e estagnação: Ensaios escolhidos**. Rio de Janeiro: Contraponto / PUC-Rio, 2012.
- KATZ, Helena. **Um, dois, três**. A dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: FID Editorial-Fórum Internacional de Dança, 2005.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã yanomami, 2015, São Paulo: Companhia das Letras, 14ª reimpressão, 2021.
- KUNG, Hans. **Religiões do mundo**. Em busca dos pontos comuns. Campinas: Verus, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Hemus, s/d.
- NOVAMERICA. Editorial Dança e identidade cultural. **Novamerica**. A Revista da Pátria Grande, Rio de Janeiro, n.144, out-dez 2014.
- NOVAMERICA. Editorial Povos ancestrais e seus rituais. **Revista Novamerica**, n. 180, out-dez 2023. Disponível em: <https://www.novamerica.org.br/ong/?p=2628> . Acesso em 29 fev. 2024.
- PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Graça, mística e dança. In: PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; PEREIRA, Gerson L. (orgs). **Mística, corpo e arte**. E Deus se fez sensibilidade. São Paulo: Paulus, 2022, p. 33-53.
- PEDROSA-PÁDUA, Lúcia; PEREIRA, Gerson L. (orgs). **Mística, corpo e arte**. E Deus se fez sensibilidade. São Paulo: Paulus, 2022.
- SANTA TERESA DE JESUS. Castelo Interior ou Moradas. In: SANTA TERESA DE JESUS. **Obras Completas**. Coord. frei P. Sciadini. São Paulo: Carmelitanas/Loyola, 1995, p.431-588.
- SEGUNDO, Juan Luis. **Graça e condição humana**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- SUSUI, Ariene. Os maracás não vão abaixar. **Sumaúma**, 23 maio 2023. Disponível em: [Especial ATL 2023 Archives - SUMAÚMA \(sumauma.com\)](https://www.especialatl2023.com.br/sumauma). Acesso em 20 fev. 2024.